

Vinicius Methon Angelo Dutra

**A INSERÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO CURRÍCULO DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE  
BELO HORIZONTE/MG**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

2019

Vinicius Methon Angelo Dutra

**A INSERÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO CURRÍCULO DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE  
BELO HORIZONTE/MG**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: José Ângelo Gariglio.

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre esteve presente em cada momento da minha vida, me iluminando e trilhando meus caminhos à esta conquista, me fortalecendo a cada momento de estudo e me transformando em uma pessoa cada vez mais forte diante de cada dificuldade que encontrei.

À minha família, em especial à minha mãe, Cacilda Marcia Dutra, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando a estudar, e me incentivando a seguir em frente e acreditar em meus sonhos.

À minha tia, Mariluce Pires Dutra que sempre zelou por mim e continua me apoiando com todas as suas forças.

À minha avó, Lydia Pires Dutra, vó, te amo demais! Obrigado por toda a paciência, todo investimento e toda compreensão, a senhora é uma rainha!

Ao meu falecido avô, José Dutra, que sonhava em me ver formado e sempre me ensinou que o conhecimento é a chave dessa vida!

Ao meu pai, Sidney Antonio Angelo, que desde cedo me fez entrar em contato com a natureza e me guiou nas minhas primeiras aventuras na Serra do Cipó, talvez, se não fosse essa trajetória este trabalho não teria se encontrado como está.

Aos meus irmãos que tanto amo, Victor Angelo Rocha, Isabela Silva e Nayara Cristina que não me esqueceram, mesmo estando pouco próximos.

À minha namorada, Giulia dos Santos Chichorro da qual sempre esteve ao meu lado, sendo minha companheira nos momentos mais difíceis, e compreensiva em minhas ausências para estudos. Linda, eu amo você!

Aos meus amigos, colegas, e companheiros que sempre me acompanharam em minhas aventuras, ao qual tenho o prazer de compartilhar de momentos incríveis em contato com a natureza.

À Natália Ianarelli e ao Igor Melo que me incentivaram e me entusiasmaram a realizar este trabalho.

À todos os meus professores e professoras, pelos seus ensinamentos, os quais contribuíram na minha formação.

Aos meus colegas de graduação, especialmente ao Felipe Rezende e o Gabriel Diamante os quais, além da amizade, pudemos compartilhar conhecimentos, dúvidas e angústias, mas acima de tudo, alegrias e conquistas. Muito obrigado!

E, em especial ao professor Dr. José Angelo Garíglío, que além de contribuir como professor na minha graduação, pôde contribuir como orientador deste trabalho. Zé, obrigado por acreditar em mim e em meu projeto, obrigado por oportunizar a realização deste sonho.

## RESUMO

Esta monografia tem como objeto de pesquisa o atual estágio da inserção/exclusão das Práticas Corporais de Aventura (PCA's) nos currículos da Educação Física. A investigação tem como objetivo geral compreender os processos de inserção e exclusão do(s) conteúdo(s) das PCA's no currículo da Educação Física de professores(as) das Escolas Municipais da rede de ensino de Belo Horizonte/MG. A pesquisa é do tipo qualitativa-quantitativa e a ferramenta utilizada para investigação foi feita através do tipo *Survey*. A técnica de coleta de dados utilizada foi um questionário misto com dezenove questões (quatorze fechadas e cinco abertas), aplicados a 14 docentes de 8 escolas da Rede Municipal de ensino situadas na Regional Norte. Os resultados obtidos mostraram que todos os(as) professores(as) que participaram da pesquisa consideram as Práticas Corporais de Aventura como um conteúdo importante a ser trabalhado nas aulas de Educação Física; Porém, apenas metade (7) dos participantes inserem as Práticas Corporais de Aventura como objeto de ensino nas suas aulas de Educação Física; Outros resultados mostraram que todos os professores que trabalham esta temática em suas aulas, utilizaram o *Slackline* como ferramenta para tratar deste conteúdo. Para além disso, a pesquisa apresenta diversas dificuldades que estes professores encontram dentro da escola e que dificultam mais ainda a inserção desta temática nas aulas de Educação Física.

**Palavras-chave:** Práticas Corporais de Aventura. Currículo. Educação Física.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
1.1 Objetivo Geral.....	9
1.2 Objetivo Específico .....	10
1.3 Breviários dos Capítulos.....	10
<b>2 REVISÃO LITERÁRIA .....</b>	<b>11</b>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>22</b>
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>24</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Essa monografia tem como questão central a investigação acerca da inserção dos conteúdos das Práticas Corporais de Aventura<sup>1</sup> (PCA's) no currículo da Educação Física (EF) escolar. Mais precisamente, este estudo visa compreender qual a extensão do processo de seleção das PCA's no currículo da Educação Física de escolas da Regional Norte de Ensino de Belo Horizonte/MG.

De forma inicial julgo necessário nesta parte do estudo falar brevemente sobre o meu envolvimento com o meu objeto de pesquisa, já que essa escolha foi, em certa medida, motivada por algumas experiências de minha socialização pré-profissional e profissional.

O meu contato com as Práticas Corporais de Aventura começaram cedo, logo quando criança meu pai, eventualmente, me levava ao Parque Nacional da Serra do Cipó/MG e por lá fazíamos trilhas, sempre com destino a alguma cachoeira ou algum mirante que desse pra vislumbrar o mar de montanhas de Minas Gerais. Nestas trilhas, meu pai sempre me ensinou sobre o respeito a natureza<sup>2</sup> e o cuidado que devemos ter com o meio-ambiente. Nesta época eu não poderia imaginar o impacto que esses acontecimentos e o contato com a natureza teriam mais tarde em minha vida.

Quando adentrei para a universidade, já possuía uma bagagem informal com algumas Práticas Corporais de Aventura, durante anos pratiquei atenuadamente o *Slackline*<sup>3</sup>, que foi o meu primeiro contato esportivo com as Práticas Corporais de

---

<sup>1</sup>O termo Práticas Corporais de Aventura (PCA) será utilizado nesta pesquisa para expressar uma manifestação da cultura corporal de movimento. Manifestação essa, que se compreende por todos os movimentos expressivos aos conteúdos das PCA, sejam elas urbanas ou em contato com a natureza. A escolha do emprego deste termo tem haver com a abrangência do entendimento dessas práticas, outros termos utilizados por outros autores por exemplo como AFAN'S (Atividades Físicas de Aventura na Natureza) dão a entender que são apenas as atividades feitas em contato com a natureza, e no presente trabalho levo em consideração como Prática Corporal de Aventura qualquer expressão relacionada aos conteúdos desta temática, tanto em ambientes urbanos como nos que envolvem a natureza.

<sup>2</sup>Neste texto, entende-se natureza como a manifestação física do meio natural, – plantas, animais, minérios etc – tentando diferenciá-lo do entendimento de uma perspectiva que se refere à natureza como sendo a essência de todas as coisas.

<sup>3</sup>*Slackline* é um esporte de equilíbrio sobre uma fita elástica esticada entre dois pontos fixos e que permite ao praticante andar e/ou fazer manobras por cima da fita.

Aventura. Existe ainda, uma variação deste esporte conhecida como *Highline*<sup>4</sup>, esta talvez tenha sido uma das aventuras mais emocionantes que eu já pude vivenciar e continuar praticando.

Na graduação, no ano de 2014, tive o privilégio de poder ensinar o *Slackline* para os alunos do projeto de extensão “Envelhecimento Ativo” através da disciplina de Educação Física e Velhice. O feedback dos alunos foi impressionante e eles foram extremamente participativos e empenhados em conseguir se equilibrar na fita. Um dos alunos, Sr. Antônio, 84 anos, disse ao final da aula: “nunca na minha vida que eu me imaginei conseguindo fazer isso”. Esse retorno que o Sr. Antônio deu sobre a aula marcou a minha trajetória e fomentou a minha continuidade no ensino dessa prática, aumentando mais ainda o meu interesse por esta temática. Este fato me instigou a sempre estar em contato e me atualizando com os conhecimentos teóricos e práticos da área.

Em outros momentos, quando viajava e ia pra praia com a minha família ou com meus amigos tentava me aventurar com o Surfe, pedindo as pranchas emprestado para pessoas que saiam do mar. Às vezes, a prancha era feita no improviso ou adaptava a forma de surfar pela falta do material necessário, muitas vezes tentando fazer o *bodysurf*<sup>5</sup> só com a aerodinâmica e a propulsão do corpo, deslizando sobre as ondas, ou como é dito popularmente: “pegar jacarezinho”<sup>6</sup>.

Em outro momento tive a oportunidade de conhecer a Escalada. Este fato aconteceu em uma das minhas expedições para praticar o *Highline* pelas montanhas de Milho Verde/MG, esta pequena cidade é próxima de várias montanhas que proporcionam diversos tipos de práticas corporais, sendo essas de aventura ou não.

Quando conheci este esporte eu já era estudante na área da Educação Física, desta forma pude identificar diversos elementos teóricos e práticos que estudamos nas disciplinas, tanto das que tratam sobre o corpo, desde uma análise cinesiológica de um movimento até as outras disciplinas que tratam das origens desta prática corporal, sobre seus processos históricos e sobre o grupo social que

---

<sup>4</sup>“*Highline*” significa “linha alta” e é uma variação do *Slackline*. Este é praticado nas alturas com uma fita elástica mais fina do que a normal, esta fita normalmente é colocada entre uma montanha e outra a dezenas de metros do chão.

<sup>5</sup> O *bodysurf* ou surfe de peito é considerado a mais pura forma de surfe e talvez a primeira de todas, dado que sua prática não necessita de qualquer suporte material, bastando um corpo e uma onda. Por não utilizar pranchas, se diferencia de outras formas de surfe, como *bodyboard*, *longboard* e *skin board*, dentre outras.

<sup>6</sup> “Pegar jacarézinho” é uma expressão popular utilizada para se referir ao surfe de peito.

ela atinge e suas intenções político-culturais, além dos fatores bio-psico-sociais envolvidos nestas práticas.

As Práticas Corporais de Aventura me proporcionaram diversas experiências e vivências, esta prática me levou a lugares incríveis que eu nunca imaginei que conseguiria alcançar e me possibilitou conhecer pessoas de diversas partes do Brasil e do resto do mundo.

Além de novas relações tanto no âmbito social quanto com a natureza, essas experiências a partir do contato com as práticas me favoreceram autoconhecimento e ajudaram a viabilizar uma criação de novos sentidos em relação aos espaços da cidade e a natureza em minha volta, além de me ajudar a criar novas sensibilidades me ajudou desenvolver bastante a minha corporeidade e capacidades físicas.

O envolvimento com esta prática facultou além de uma melhora significativa no desenvolvimento com minhas questões corpóreas e inquietações internas, o contato com estas práticas também me auxiliam a canalizar energias acumuladas pelo estresse corriqueiro de obrigações diárias, me ajudou a superar o medo de altura, me ensinou a confiar mais em mim e nas minhas atitudes, favoreceu desenvolver equilíbrio entre o corpo e a mente e me ajudou a centralizar meus esforços e focar nos meus objetivos. Desde então, essas novas percepções me ajudaram a ter certeza que eu queria realmente investigar esta temática e fazer o meu trabalho de conclusão de curso nesta área.

Atualmente, participo do desenvolvimento de um projeto com alguns professores e alunos da universidade para inserir um muro de Escalada na escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG com a finalidade de poder tornar mais acessível o conhecimento desta prática para os alunos das disciplinas que envolvem as Práticas Corporais de Aventura, além disso os alunos de outros cursos (Fisioterapia e Terapia Ocupacional) também poderão se beneficiar do muro, tendo em vista que podem ser estudadas diversas lesões que acometem praticantes das modalidades de escalada, dentre outras pesquisas.

Infelizmente, no meu percurso da formação escolar básica, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio eu não tive nenhum contato com nenhum dos conteúdos envolvidos nas Práticas Corporais de Aventura. As minhas experiências nas aulas de Educação Física da Educação Básica normalmente ficava restrita apenas ao Futsal e nessas aulas normalmente só os alunos com mais

técnica, habilidade, e com capacidades físicas mais desenvolvidas pegavam na bola.

No que se refere a minha graduação em Licenciatura no curso de Educação Física, tive um contato restrito com os conhecimentos teóricos e práticos acerca das Práticas Corporais de Aventura. Num panorama geral, são escassas as disciplinas que ofertam conhecimentos sobre essas práticas. Na maioria das vezes as disciplinas que tratavam das PCA's eram de caráter optativas, oferecidas episodicamente, e sem divulgação necessária aos estudantes da graduação.

Caminhar por esse percurso de graduação e chegar até aqui sem quase nenhum conhecimento acadêmico-científico sobre o tema das Práticas Corporais de Aventura me causou um estranhamento e um incômodo, pois pude perceber a clara exclusão deste conteúdo no currículo da licenciatura.

Essa trajetória de contato com as PCA's foi geradora de um conjunto de questões que gostaria que fossem tratados em um estudo mais acadêmico, como numa monografia de graduação. Dessa forma, decidi por em prática esta vontade e me propus a investigar sobre a área para tentar responder algumas questões: Os professores de Educação Física compreendem a importância dessas práticas? Em que medida a exclusão das PCAs do currículo da EF escolar tem relação com o tratamento restrito dessa unidade temática no currículo dos cursos de licenciatura? Qual a relação dessa exclusão/inclusão com as experiências de formação continuada de professores de EF? Caso as PCA's sejam selecionada como objeto de ensino por parte dos professores de Educação Física, quais dessas práticas estariam sendo incluídas e excluídas? Como estes conteúdos estão sendo desenvolvidos na escola? Há trabalhos interdisciplinares entre a Educação Física e as demais disciplinas escolares que visa o tratamento mais abrangente deste conteúdo?

### **1.1 Objetivo Geral**

Compreender os processos de inserção e exclusão do(s) conteúdo(s) das Práticas Corporais de Aventura no currículo da Educação Física de professores das Escolas Municipais da rede de ensino de Belo Horizonte/MG.

## **1.2 Objetivo Específico**

Identificar quais conteúdos das Práticas Corporais de Aventura se inserem ou são excluídos nos currículos da Educação Física das escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte/MG;

Apontar quais dos conteúdos das PCA's são menos presentes e mais presentes nos currículos da Educação Física Escolar;

Entender as razões pelas quais levam os professores de Educação Física a excluir ou incluir as PCA's no currículo;

Identificar aspectos da realidade que dificultam a inserção das PCA's nos currículos de Educação Física Escolar;

## **1.3 Breviário dos Capítulos**

Esta monografia está organizada em dois capítulos: No Capítulo I conto um pouco da minha história com as Práticas Corporais de Aventura, na sequência o presente estudo discute sobre o crescente interesse da sociedade contemporânea com as Práticas Corporais de Aventura, tanto as urbanas quanto às junto a natureza. Em seguida, é feita uma discussão sobre as questões que permeiam a inserção dessas práticas nas escolas e sua presença nas aulas de Educação Física como conteúdo curricular desta disciplina. No Capítulo II foi feita uma análise das respostas obtidas a partir do questionário que foi aplicado aos professores da rede de ensino Municipal da Regional Norte de Belo Horizonte/MG e por último trago as considerações finais desta pesquisa.

## 2 REVISÃO LITERÁRIA

Nas últimas décadas, as práticas esportivas em meio à natureza conquistaram novos adeptos, o que de acordo com França (2016), provocou um aumento do número de participantes interessados em Atividades de Aventura na natureza.

O ser humano em sua essência, sempre teve uma relação com a natureza para diversos fins, sejam eles para sua subsistência, cultos religiosos, dentre outras manifestações culturais. Mas ao passar do tempo, o ser humano se tornou um ser urbano, principalmente após a Primeira Revolução Industrial e o homem começou a passar menos tempo em contato com a natureza para os fins que eram utilizadas anteriormente. A partir desses acontecimentos, outras relações com a natureza passaram a ser estabelecidas pelos sujeitos, com outros fins e justificativas.

Porém, o seu recente interesse pela prática de atividades esportivas e de lazer ao ar livre parecem estar levando mais pessoas de volta ao contato direto com a natureza e desfrutando das suas diversas possibilidades. “Motivado pela retomada da sua relação com o meio natural, o ser humano volta seu olhar para a natureza, considerando-a como uma possibilidade de fuga do cotidiano intenso das cidades” FRANÇA (2016).

Na literatura disponível, existem alguns conceitos que são dados à essas práticas, como: “Atividades Físicas de Aventura na Natureza” BETRÁN (2003). Alguns autores entendem que essas práticas são “manifestações da cultura corporal de movimento ainda pouco disseminada” INÁCIO (2016). Alguns conceitos diferentes também aparecem em outras literaturas, Melo (2009) apresenta uma sugestão de definição para "Esportes na Natureza" como:

[...] todas as atividades físicas e corporais que se realizam em contacto direto com a natureza, apresentando um formato organizado ou não, que tenham por objetivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais, o intuito de recreação e lazer ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis, e que contribuam para a sustentabilidade do desenvolvimento local, nas dimensões ambiental, econômica e sociocultural (MELO, 2009, p. 101-102).

No entanto, levanta-se uma objeção em relação ao termo “na natureza” utilizado por estes autores, pois algumas das práticas de atividades de aventura

também podem ser cada vez mais observadas dentro das cidades, como é o caso do Skate, Parkour, Slackline, Patins, Bike Trial, dentre outros. Estas manifestações também podem ser vistas como uma prática corporal de aventura que possibilita que o sujeito tenha uma possibilidade de fuga do estresse do cotidiano dentro da própria cidade, e não necessariamente em contato com a natureza. Não obstante, algumas outras práticas também são feitas em locais mais arborizados do meio urbano, em orlas de lagoas ou em outros espaços que possam remeter as sensações do contato do corpo humano com a natureza, mesmo que apenas sinestesticamente.

Além destes, outros autores entendem essas práticas como “Esportes de Ação” (BRANDÃO, 2010), “Esportes de risco”, “Esportes urbanos/radicais”, entre outras propostas como “Esportes Radicais” (UVINHA, 2001), para este autor, as condições para que essas práticas fossem consideradas como esportes radicais leva-se em conta que inevitavelmente durante a execução de sua atividade/exercício haja um baixo nível de previsibilidade, menor estereotipia dos movimentos, maior disposição ao risco e a busca por emoções. Alguns desses esportes podem ser: Escalada *Outdoor*<sup>7</sup>, o Surfe, o *Skate*, a Asa-delta, o *Rafting*<sup>8</sup>, o *Mountain-Bike*, dentre outros.

Já por outro lado, um novo conceito é dado por Inácio e colaboradores (2005), quando denominam essas práticas como “Práticas Corporais de Aventura”. Este novo conceito também abrange outras práticas em que o risco envolvido na atividade pode vir a ser muito menor, por exemplo o *trekking*, acampamento, caminhadas ecológicas, arborismo, dentre outras que não possuem um caráter esportivo de altíssimo nível de rendimento e que possam ter um maior controle das situações ambientais durante a sua prática, mas ainda sim trazendo o contato intersubjetivo com a natureza. Além disso, algumas outras práticas de aventura também começam a ser entendidas em contextos urbanos, como é o caso da *escalada indoor*<sup>9</sup>, do rapel, a tirolesa, o *slackline*, o *skate*, o *parkour*, dentre outros.

Diante desse não estabelecimento terminológico, é possível inferir que o debate sobre essas práticas ainda não floresceram suficientemente para que possua um consenso sobre a delimitação conceitual deste objeto. Afinal, esse tema se trata

---

<sup>7</sup>*Outdoor* é um termo utilizado para se referir a prática da escalada ao ar livre, como nas montanhas.

<sup>8</sup>Esporte de aventura que consiste em descer correntezas utilizando botes infláveis.

<sup>9</sup>*Indoor* é um termo utilizado para se referir à prática da escalada em ginásios e academias.

de um objeto relativamente novo em discussões acadêmicas e a preocupação com uma delimitação conceitual talvez seja uma pretensão da minha parte.

Portanto, neste presente estudo que aqui se faz, empregarei o termo que mais se aproxima do entendimento do meu campo de pesquisa. Irei utilizar o termo “Práticas Corporais de Aventura” (PCA) utilizado originalmente por Inácio *et al.* (2005), compreendendo a Prática Corporal como sendo uma manifestação inerente a Cultura Corporal de Movimento. Destarte, entende-se por cultura corporal de movimento os “movimentos cujos significados têm sido construídos em função das diferentes necessidades, interesses e possibilidades corporais humanas presentes nas diferentes culturas em diversas épocas da história” (PCN/BRASIL, 1997).

Sendo assim, quando aqui me refiro sobre as Práticas Corporais de Aventura (PCA's), deve-se compreender que faço menção a todos os movimentos significativos presentes em atividades que contemplem o risco controlado e o desconhecido, tanto nas atividades que são feitas em contato com a natureza (montanhismo, surfe, saltar de paraquedas, etc) quanto nas atividades praticadas em ambientes urbanos (*parkour, slackline, skate, patinete, etc*).

De acordo com um consenso encontrado nas literaturas disponíveis, as PCA's vêm sendo praticadas por pessoas de todos os gêneros e de diferentes faixas etárias, inclusive crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Atualmente, é notável que as Práticas Corporais de Aventura estão inseridas de diversas formas na nossa sociedade e assim, cada vez mais as suas atividades são procuradas pelos sujeitos, diante de uma infinidade de motivações diferentes, segundo Marinho (2003), essa vontade que os sujeitos têm de se aproximar dessas práticas corporais é impulsionada pelo desejo de experimentar algo novo, emoções prazerosas, as quais são potencializadas no sentimento de ser capaz de executar algumas peripécias, sejam elas na terra, na água ou no ar.

Para além dessas motivações, contamos com as características de um país com aptidões climáticas e geográficas propícias para a realização de diversos tipos de PCA's. Não obstante disso, muitas estruturas existentes em meios urbanos favorecem a realização de atividades de aventura para a população, como praças, parques, lagoas, ginásios, dentre outros. França (2016) nos apresenta algumas maneiras de como os praticantes têm ocupado esses espaços:

E o fazem por meio de passeios, trilhas e acampamentos, turismo e até mesmo através de práticas esportivas na natureza de caráter predatório, com a finalidade da busca do sentimento de prazer, do lúdico, de qualidade de vida e lazer. Subir uma montanha ou explorar uma trilha em meio à mata já não é mais um instinto de sobrevivência, mas um propósito de liberdade e desafio. FRANÇA (2016, p. 18).

Ao longo do tempo, o crescimento exponencial deste fenômeno contribuiu também para que essas práticas passassem por um processo de esportivização. Esse processo favoreceu para efervescer o mercado e toda essa agitação favoreceu o crescimento exponencial de empresas ligadas à estas práticas, principalmente voltadas para o turismo de aventura, além de associações e confederações que se interessaram em atuar neste novo mercado.

Segundo Betrán e colaboradores (1995), o número de usuários dessas práticas na Catalunha em 1988 era de aproximadamente 1000 pessoas, e no ano de 1992 este número cresceu para 100.000 pessoas. Ainda segundo o autor, nesta década esses fatores socioculturais ajudaram para que houvesse a inserção das Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), incorporadas na sociedade de consumo “através da indústria de lazer, férias e turismo, colaborando ativamente na recuperação de territórios deprimidos do ponto de vista econômico, demográfico e social” BETRÁN *et al.* (1995).

Com a massificação constante desta manifestação na nossa sociedade, é possível observar que cada vez mais outras áreas ligadas às práticas corporais, além do lazer, da educação, da mídia e da indústria também começam a demonstrar interesses.

Recentemente, a escalada, o *skate* e o surf foram incluídos como modalidades nos jogos olímpicos de Tóquio em 2020, fato esse que afirma a representatividade desses esportes nos tempos modernos. O espaço que esses esportes estão ganhando na cena olímpica reflete em um crescimento exponencial no quesito de representatividade dessas modalidades dentro da cena esportiva, conseqüentemente, esse crescimento interessa empresas voltadas para setores esportivos específicos. Ao fazer parte destes megaeventos, essas práticas ganham destaque e dessa forma, esses esportes começam a ser mais divulgados pela mídia e como consequência são mais difundidos pela sociedade e mais praticados pela mesma.

O crescente interesse pelo tema torna-se evidente de várias formas além da inserção dessas novas modalidades nos jogos olímpicos, como a criação do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, um sutil aumento na produção acadêmica em artigos e livros e também o aparecimento de ONG'S com a ideia de incentivar a prática de Atividades de Aventura. Além disso, formam-se novas estruturas de federações e confederações ligadas à algumas atividades específicas como: escalada, surfe, *skate*, montanhismo, dentre outros.

As consequências desse crescimento fizeram com que essa manifestação ganhasse importância no meio acadêmico, o que refletiu no interesse de produção de conhecimento científico nesta área, procurando investigar e discutir as potencialidades desta nova área de pesquisa.

Segundo Inácio (2016), no Brasil, as publicações sobre o significado e a relevância social das Práticas Corporais de Aventura para a Educação Física só chegaram na década de 90. Nesta época, as primeiras contribuições foram trazidas por Betrán *et al.* (1995).

Pouco tempo depois da primeira publicação sobre as atividades físicas de aventura no Brasil, em 1999, a revista "Conexões" da Unicamp publicou as pesquisas elaboradas por Bruhns e colaboradores (1997). O que possibilitou ampliar nesta época, o debate acadêmico sobre as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN's).

Bruhns (1997) apresentava essa temática como um forte potencial no âmbito do lazer e das atividades esportivas. Segundo Inácio (2016), naquela época este tema já apresentava relevância social, cultural e econômica. Mas, através do que foi observado na literatura disponível, é possível inferir que esta temática, antes do século XXI, ainda não tinha se tornado um tema relevante o suficiente para ser objeto de seleção curricular por parte da EF Escolar.

Por mais tempo que existam em nossa sociedade, as Práticas Corporais de Aventura, só se assentaram como estudo da Educação Física Escolar apenas no início do século XXI. Os estudos de autores como UVINHA (2009)<sup>10</sup>, INÁCIO (2005)<sup>11</sup> RODRIGUES (2006)<sup>12</sup>, PEREIRA *et al.* (2008), mostram que a seleção

---

<sup>10</sup>UVINHA, Ricardo Ricci. Esportes radicais nas aulas de educação física do ensino fundamental. In: \_\_\_\_\_. **Educação física escolar: desafios e propostas 1**. São Paulo: Fontoura, 2009. 256p.

<sup>11</sup>INÁCIO, Humberto Luís de Deus et al. **Bastidores das práticas de aventura na natureza**. Práticas corporais: experiências em Educação Física para outra formação humana. Florianópolis: Naembla Ciência e Arte, v. 3, p. 69-88, 2005.

curricular dessas práticas corporais, por parte da EF, só ganham extensão a partir desse novo milênio.

No início, as publicações sobre este tema tiveram como finalidade a “democratização dessas práticas”, pois segundo Pereira *et al.* (2008) muitas pessoas se identificavam com essa manifestação, mas em geral elas tinham pouco conhecimento sobre os aspectos técnicos e de segurança que essas práticas requerem. Sendo assim, para esses autores era de suma importância disseminar informações sobre o conteúdo, para que se difundisse entre professores de Educação Física interessados nesta manifestação.

Destarte, outros autores desta época como UVINHA (2004) e INÁCIO (2005) também se preocupavam com a discussão, reflexão e disseminação das informações dessa nova cultura corporal para contextualizar aos professores de Educação Física às possibilidades deste novo conteúdo, visando principalmente a sua potencialidade educativa e a possibilidade de diversificação da prática pedagógica do professor de Educação Física através dessa nova temática.

Para Marinho (2004), as Práticas Corporais de Aventura requerem um (re)pensar sobre o ambiente tendo em vista três principais aspectos interdependentes: a prática corporal, a conscientização ambiental e o processo educativo, aproximando três realidades: a Educação Física, o Ambiente e a Escola.

Neste contexto, França (2016) também dialoga com a relação da importância em que o Ambiente (seja ele urbano ou em contato com a natureza) pode trazer quando este conteúdo é trabalhado nas aulas de Educação Física:

As Práticas Corporais de Aventura que envolvem a natureza favorecem a consciência da importância da atividade física à saúde, além de enfatizar a relevância dos recursos naturais à vida humana. Permitem ainda que sejam respeitados os espaços urbanos, compreendendo o valor desses espaços construídos e também os respeitando, auxiliando a compreender melhor a magnitude e a importância da natureza em nossa existência, fazendo com que compreendamos a necessidade da sua conservação (FRANÇA, 2016. p 74).

Outros autores, como González e colaboradores (2014) também abordam discussões e fazem reflexões sobre o tratamento do conteúdo das Práticas

---

<sup>12</sup>RODRIGUES, Luiz Henrique; DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física escolar e meio ambiente: reflexões e aplicações pedagógicas**. Lecturas: Educación física y deportes, n. 100, p. 12, 2006.

Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física. Esses autores também reforçam a importância da integração dessas práticas na escola e incitam que as mesmas podem ajudar a fortalecer projeto pedagógico de escolas através de seu potencial educativo. Neste livro os autores propõe atividades para planos de aula inspirados no tratamento dos conteúdos das PCA's nas escolas. Há então nesta época, uma nova abertura ao acesso de possibilidades que esta manifestação oferece para os professores que gostariam de tratar dos conteúdos das PCA's e que ainda não sabiam direito como lidar com as questões técnicas de segurança durante as práticas dessa temática.

Contemporaneamente, o debate sobre essas práticas se desenvolveram ainda mais na área Educação Física escolar, o que possibilitou França (2016) a refletir mais sobre o assunto. Para este autor, um dos aspectos mais importantes nos momentos em que o professor está ensinando este conteúdo, é a sua relação com o aluno, pois é através desta relação que serão desenvolvidos e estudados os demais pontos das discussões e relações sociais que envolvem a temática, segundo o autor é neste momento que o aluno poderá com mais facilidade atribuir à atividade os seus significados.

Além do aspecto citado acima, este autor dialoga com as relações entre a escola e os espaços que ela disponibiliza para as aulas de Educação Física. Para este autor, os espaços são de fundamental importância na análise e nas reflexões sobre a vivência das Práticas Corporais de Aventura no ambiente escolar. Além dos espaços, segundo o autor podemos conceber outras importâncias do tratamento deste conteúdo no ambiente escolar:

São muitas as reflexões que podem ser elaboradas a partir de aspectos ligados as Práticas Corporais de Aventura na escola. Dentre eles, destacam-se: relações entre as competições e a mídia, assim como as influências da mídia no conceito das Práticas Corporais de Aventura (FRANÇA, 2016 p. 84).

Esta explanação e reflexão do conteúdo das PCA's ligado à influência da mídia é importante, pois, segundo Marinho (2004), a mídia prioriza a apresentação das Práticas Corporais de Aventura prioritariamente voltadas a um caráter competitivo.

Outros autores acrescentam a importância dos esportes na natureza como um conteúdo a ser trabalhado nas aulas no sentido em que eles "... são

excelentes possibilidades de fundir os conteúdos da educação física e a temática ambiental, buscando a vivência concreta de práticas essenciais à vida do ser humano” TAHARA *et al.* (2016). Não obstante disso, alguns autores apresentam informações da existência de outros benefícios educativos que essa prática corporal pode trazer. Paiva e colaboradores (2007) salientam que:

A participação em trilhas interpretativas, isto é, a realização de um trekking em meio natural com informações importantes sobre aspectos peculiares da fauna e flora locais, podem permitir uma maior integração de diferentes campos do conhecimento, tais como Biologia, Ecologia, entre outros. Desta forma, as trilhas interpretativas propostas pela área da Educação Física tornam-se uma experiência de transversalidade ao promover múltiplas atividades propostas, enfatizando a sensibilização de percepções e interpretações acerca da educação ambiental (PAIVA *et al.*, 2007 *apud* TAHARA *et al.*, 2016 p. 121).

Segundo Franco (2008), a vivência dessas práticas de aventura podem causar uma aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, devido à interação do mesmo com os elementos que compõe a natureza - como sol, vento, montanha, rios, vegetação, lua, chuva, entre outros - propiciando atitudes de respeito, admiração e preservação.

Este e outros autores parecem concordar ao dialogar e refletir sobre o potencial educativo destas práticas. Para a maioria dos autores as PCA's contribuem para com o desenvolvimento da motricidade humana, da cooperação, do lúdico, do lazer por meio de novas possibilidades corporais, além da consciência ambiental.

Com tudo, nota-se que as discussões que tangenciam os conteúdos referentes a essa prática corporal são postas em debate muito recentemente no nosso país, mais recentemente ainda, são as discussões que permeiam a entrada dessas práticas no currículo de professores e a presença dessas práticas nas aulas de Educação Física

Somente após 17 anos de discussões e de produções acadêmico-científicas como pesquisas, teses, revistas, filmes e outros trabalhos, essa manifestação da cultura corporal começa a ganhar espaço em documentos legais que regem a sua entrada nas escolas e na participação das aulas de Educação Física.

Pesquisando sobre o histórico da inserção dessas práticas nestes documentos, pude notar que nem no Currículo Básico Comum/MG (2014) e nem mesmo nas Proposições Curriculares para Educação Física da Rede Municipal de

Belo Horizonte<sup>13</sup> para o Ensino Fundamental abordam este conteúdo, nem mesmo a palavra “aventura” foi encontrada, ou seja, nem os documentos federais e nem os estaduais contavam com propostas para o ensino desta temática.

O único documento legal em que se encontram as Práticas Corporais de Aventura como uma nova unidade temática a ser selecionada, escolarizada e tratada pedagogicamente no currículo da Educação Física, foi a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), promulgada no ano de 2017.

De acordo com a BNCC (2017), dentre as Práticas Corporais de Aventura existem duas vertentes que devem ser anexadas, que são as PCA's em meios urbanos e as PCA's em contato com a natureza. Essas duas vertentes apresentam singularidades, das quais julgo pertinente serem citadas para sua contextualização. Na BNCC (2017), os autores nos trazem algumas características interessantes quando fazem a divisão dessas práticas:

As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo etc. Já as práticas de aventura urbanas exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de parkour, skate, patins, bike etc. (BRASIL, 2017, p. 216).

Tomando como referência o que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) diz, os alunos do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental (2º ciclo) devem aprender juntamente com as habilidades relacionadas a essa unidade temática, que o ensino dessa manifestação têm a ver com o foco na experimentação e fruição das possibilidades de práticas corporais em ambientes urbanos e na natureza, nos cuidados com a integridade física e o respeito ao patrimônio público e natural. Além disso, os alunos devem ser estimulados a propor alternativas para as práticas em diversos espaços, dentro e fora do ambiente escolar para poder utilizá-las em tempo livre.

O professor também deve ser capaz de ensinar o aluno a identificar riscos que podem vir a ser presentes durante essas práticas. Com isso, os alunos devem aprender a formular estratégias para superar os desafios na realização das PCA's

---

<sup>13</sup> Por questões de tempo para realização da pesquisa, não foram analisados aqui as outras proposições/orientações/referenciais curriculares produzidas no Brasil após LDBN/1996, sejam aquelas oriundas das Redes Estaduais, sejam as confeccionadas nas Redes Municipais.

urbanas e na natureza. Além disso o aluno deve aprender sobre a origem e os tipos de Práticas Corporais de Aventura e as suas transformações históricas ao longo do tempo.

Neste ponto, há uma ressalva, partindo do ponto de vista ao acesso tardio dos conhecimentos relacionados às Práticas Corporais de Aventura. A Base Nacional Comum Curricular sugere que as Práticas Corporais de Aventura “urbanas” devem ser tratadas com as turmas de Ensino Fundamental do 6º e 7º ano e as da “natureza” com os alunos do 8º e do 9º ano. A BNCC (2017) direciona os conteúdos das PCA apenas para as turmas do 2º ciclo (6º ao 9º ano), por este motivo os alunos do 5º ano abaixo e do 9º em diante, teoricamente, ficam a mercê de uma continuidade dos conteúdos destas práticas.

Como o próprio documento cita, o aprendizado das relações com o próprio corpo, os conhecimentos acerca do meio ambiente, do cuidado com o próximo, do respeito ao patrimônio público e natural além de outros temas que são específicos da Educação Física como as amplas manifestações da cultura corporal de movimento, o lazer, os esportes que são praticados nesse meio e outros temas transversais ficam restritos apenas aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Desta forma, concordo com Inácio, *et al.* (2016) quando nos diz:

Ainda neste objetivo, quando os alunos apreendem as PCAs como construtos humanos, percebem que as mesmas podem ser reconfiguradas, moldadas, adequadas às suas necessidades, aos seus interesses e às suas possibilidades, independentemente da forma pela qual é realizada hegemonicamente. Tal processo também lhes favorece, então, perceber relações de poder e dominação ali presentes, bem como criar estratégias e agir para sua superação (INÁCIO *et al.*, 2016, p. 7).

Porém, mesmo com a entrada desta nova temática na BNCC (2017), a inserção dessas práticas nas aulas de Educação Física pode não parecer tão fácil, tendo em vista o peso cultural de determinados conteúdos, que interdita o tratamento de uma maior pluralidade de temas no currículo dessa disciplina. Sobre isso, Darido (2005), aponta que professores tendem a abordar os conteúdos que possuem maior conhecimento, tornando muitas das vezes as aulas de Educação Física limitadas a esportes coletivos. Dessa forma, outras práticas corporais que são relevantes como, os jogos brinquedos e brincadeiras, as danças, as ginásticas, as Lutas e as Práticas Corporais de Aventura são excluídos dos currículos das escolas e do planejamento de aula dos docentes. O que contradiz dessa forma o que a

BNCC (2017) discrimina quando menciona que a Educação Física deveria tratar pedagogicamente dessa pluralidade de conteúdos ao longo do período de formação da Educação Básica.

Como a Educação Física se desenvolve historicamente acompanhando as mudanças da sociedade e sabendo que as Práticas Corporais de Aventura são um fenômeno contemporâneo de grande porte na nossa sociedade, do qual segundo o consenso que foi encontrado na literatura acadêmico-científica pode vir a oferecer uma potencialidade educativa importante e sabendo que esse conteúdo vem alcançando e atraindo multidões, é que se faz a necessidade de tentar entender melhor como os professores de Educação Física de escolas, situadas em uma determinada Regional da Prefeitura de Belo Horizonte, tem se relacionado com os conteúdos das Práticas Corporais de Aventura. Esses professores tem tentado inserir as PCA's nas aulas de Educação Física? Eles compreendem que essa temática é importante e por isso deveria ser inserida em suas aulas? Por que entendem que essa unidade temática seria importante à formação cultural dos estudantes? Quais as razões que levam esses mesmos professores a inserir ou excluir as PCA's em seu currículo?

### 3 METODOLOGIA

Para este estudo, foi utilizada a abordagem de pesquisa de caráter qualitativa-quantitativa. Esta metodologia foi utilizada porque buscamos produzir dados mais quantitativos/objetivos da realidade investigada (porcentagens, médias, gráficos) que pudessem apontar amostras consideradas mais representativas de uma população, de forma a constituir um retrato da situação da inserção das PCA's em uma determinada população alvo (os professores de EF da Regional Norte da Prefeitura de Belo Horizonte). Com isso, inferir possíveis causas do fenômeno analisado e produzir possíveis relações entre variáveis (Fonseca, 2002). Juntamente com esses dados mais quantitativos, vamos nos valer de narrativas escritas produzidas pelos professores de Educação Física de forma a tentar acessar as percepções e sentidos construídos pelos mesmos professores sobre os motivos que os levam a excluir/incluir as PCA's no currículo da Educação Física. Esses dados serão acessados e construídos mediante aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas.

Em função do pouco tempo para realizar o trabalho, priorizei as escolas de apenas uma (Norte) das nove regionais (Barreiro, Nordeste, Oeste, Pampulha, Noroeste, Norte, Centro-Sul, Leste e Venda Nova) da prefeitura de Belo Horizonte/MG. Através de uma pesquisa feita na SMED (Secretaria Municipal de Educação) em Novembro de 2019 foram identificadas vinte Escolas Municipais, sendo que apenas 17 dessas escolas tinham professores de Educação Física. No total, foram encontrados 25 professores de Educação Física. Porém, em função da dificuldade de acesso às escolas e aos professores por causa da necessidade de mais tempo hábil para lidar com a sistematização burocrática das escolas, não foi possível entrar em contato com todos os(as) professores(as). Dos 25 sujeitos que compuseram o meu universo, somente quatorze responderam ao questionário, representando 56% dos(as) professores(as) que foram localizados pela SMED. Vale ressaltar que questionário foi entregue via e-mail a todas as dezessete Escolas Municipais da Regional Norte de Belo Horizonte/MG.

Para a realização, acesso e construção dos dados empíricos utilizamos o procedimento de pesquisa com *Survey*. Este procedimento é utilizado em investigações para obtenção de dados ou informações sobre as características ou as opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma

população-alvo, utilizando um questionário como instrumento de pesquisa (FONSECA, 2002, p. 33). Tal procedimento mostrou-se adequado ao nosso objeto de estudo porque nos possibilitou ter uma visão panorâmica da situação de inserção das PCA's nos currículos da Educação Física de escolas da Regional Norte de Belo Horizonte/MG, bem como produzir um levantamento de opiniões e percepções de um grupo representativo de docentes de Educação Física sobre o tema investigado.

Para Isso construímos um questionário misto com dezenove questões previamente estruturadas (quatorze fechadas e cinco abertas) que faziam perguntas remetentes aos respectivos sexos dos(as) professores(as), idade, local e tempo de formação, formas de obtenção dos conhecimentos (acadêmicos e informais) acerca das PCA's e por fim foram feitas perguntas sobre a percepção de cada um sobre a relevância da inserção das Práticas Corporais de Aventura nos currículos da EF. Antes de responder ao questionário, os professores foram esclarecidos sobre a sua confidencialidade, ou seja, foram garantidos do completo anonimato. Este questionário foi aplicado apenas uma vez para cada professor de Educação Física das 17 escolas com professores desse componente curricular. Em algumas escolas foram encontrados pessoas responsáveis pelas aulas de Educação Física, mas que não eram professores formados na área. Optamos por aplicar os questionários apenas aos professores com licenciatura específica na área.

## 4 RESULTADOS

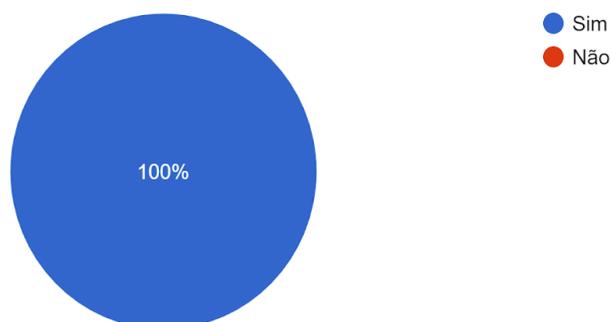
Os resultados que foram obtidos nesta pesquisa através do questionário aplicado nos professores de Educação Física das escolas Municipais da Regional Norte de Belo Horizonte/MG nos trazem dados importantes para entender melhor algumas das questões centrais que norteiam esta pesquisa. Foram encontrados nesta pesquisa, oito professoras de Educação Física do sexo feminino e seis do sexo masculino com idades variadas entre os mesmos, sendo que apenas um(a) deles(as) tinha entre 20 e 30 anos, outros seis tinham de 31 a 40, representando a maioria da população encontrada no estudo (42,9%), também foram encontrados(as) quatro professores(as) com idade entre 41 a 50 anos e outros(as) três com 51 ou mais anos de idade.

Algumas perguntas no questionário foram feitas para tentar entender melhor sobre os processos de inserção e exclusão do(s) conteúdo(s) das Práticas Corporais de Aventura no currículo destes participantes. Para isto, primeiramente, lhes foi perguntado sobre a importância deste conteúdo para estes(as) professores(as):

**Gráfico 1. Importância da inserção das PCA's nas aulas de Educação Física**

Você considera as Práticas Corporais de Aventura uma temática importante a ser introduzida nas aulas de Educação Física?

14 respostas



Dos quatorze participantes, todos responderam “sim” quando questionados sobre se consideram as Práticas Corporais de Aventura uma temática importante a ser introduzida nas aulas de Educação Física.

Para tentar compreender o porquê dos participantes responderem “sim” ou “não” para a importância da inserção desta temática nas aulas foi solicitado uma justificativa, através de uma pergunta aberta no questionário.

Para alguns, devido a possibilidade das PCA's serem vivenciadas no espaço urbanos ou na natureza e a maneira distinta de se relacionar com esses espaços, essa temática possibilita aos praticantes refletir sobre tais lugares, bem como na relação com os colegas de uma forma diferente das outras práticas corporais que aborda a Educação Física Escolar. Essa fala nos leva a concordar com Marinho (2004), quando nos diz que as Práticas Corporais de Aventura favorecem o respeito e entendimento dos espaços urbanos, compreendendo o valor desses espaços e também os respeitando, auxiliando a compreender melhor a magnitude e a importância da natureza em nossa existência.

Em outras respostas encontradas, os sujeitos se referiram às PCA's como uma maneira diferente de lidar com o movimento, com o corpo, e com as pessoas com quem divide essa prática corporal. Segundo outras respostas obtidas, essas práticas fazem com que os alunos possam ir além do seu medo, desenvolvendo suas habilidades e os tornando mais confiantes. Para Franco (2008) essas vivências com as PCA's proporcionam sensações e experiências que atingem o afetivo, o cognitivo e o aspecto motor de um jovem estudante.

Para outros professores, as PCA's são mais uma das possibilidades de práticas corporais presentes na nossa cultura. Nesse sentido, cabe à Educação Física apresentar essa temática aos alunos. Esta fala, condiz com um consenso que é contido na literatura disponível acerca das Práticas Corporais de Aventura, quando os autores como UVINHA (2004); INÁCIO (2005); PEREIRA *et al.* (2008); defendem a participação do professor de Educação Física no ensino dessas práticas dentro das escolas.

Além disso, em outras respostas foram encontradas colocações sobre a presença desse tema nas diferentes mídias, segundo os professores pesquisados, esse espaço que as PCA's ganham na mídia torna o conteúdo interessante aos estudantes e versátil para abordar outros temas da Educação Física. Em contrapartida, Marinho (2004) nos diz que a mídia prioriza a apresentação das Práticas Corporais de Aventura prioritariamente voltadas a um caráter competitivo, sendo assim, é possível dizer que os professores de Educação Física quando fazem

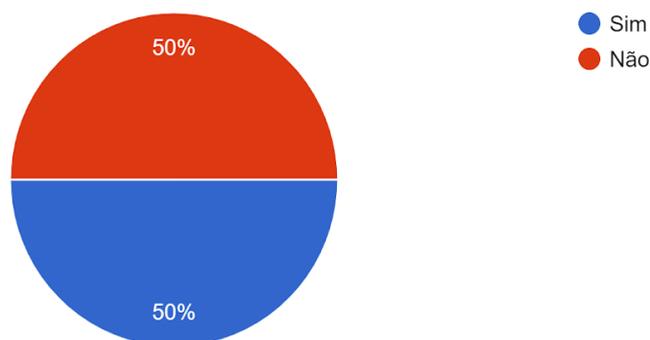
o tratamento reflexivo dos conteúdos das PCA's presentes na mídia, estão fazendo uma intervenção no sentido de democratizar o acesso à esses conteúdos.

Porém, mesmo defendendo a importância da inserção das PCA's como um objeto de ensino nas aulas de Educação Física, dos 14 sujeitos pesquisados apenas sete inserem as Práticas Corporais de Aventura em suas aulas, o que representa 50% da população pesquisada neste estudo, como ilustrado no gráfico abaixo:

**Gráfico 2. Porcentagem de professores que inserem as PCA's em suas aulas**

Nas suas aulas de Educação Física, nesta escola da rede municipal de educação, as Práticas Corporais de Aventura são tratadas como objeto de ensino? \*

14 respostas



Desta forma, é possível inferir que há alguma questão no tratamento deste conteúdo que limita a inserção das PCA's no currículo dos professores pesquisados. Os resultados a seguir nos oferecem chaves de entendimento para analisar e entender melhor as quais questões que parecem limitar essas práticas e excluí-las do currículo dos sujeitos pesquisados.

Em relação ao sexo dos participantes e o envolvimento com as PCA's, não houve diferença significativa quando comparados os sexos masculino e feminino, na amostra quatro das oito professoras inserem os conteúdos das PCA's, enquanto no sexo masculino três dos seis professores aplicam este conteúdo em suas aulas.

Já em relação a idade, foi possível notar algumas variações importantes a serem discutidas. Segundo os resultados obtidos, os professores que mais inserem

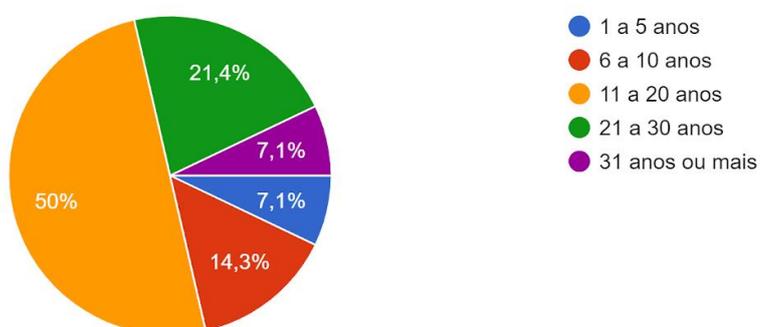
as PCA's nos seus currículos têm entre 31 a 40 anos, dos seis sujeitos que estão nesta faixa etária, cinco deles responderam “sim” quando perguntados se inserem ou não as PCA's nas suas aulas como objeto de ensino. Em relação aos quatro sujeitos que estão entre os 41 a 50 anos de idade, apenas um respondeu que insere as PCA's nas suas aulas. Dos três sujeitos que tem idade maior que 51 anos, somente um deles trabalha com esta temática. Apenas um sujeito da amostra total tinha de 20 a 30 anos e este, não trata dos conteúdos das PCA's como objeto de ensino. Com isso, é notável que os professores que possuem mais de 41 anos de idade em diante são os que menos tratam as Práticas Corporais de Aventura como objeto de ensino.

Para tentar entender melhor quais circunstâncias relacionadas ao processo de formação desses sujeitos que os ajudam a se aproximar ou se afastar dos conhecimentos ligados aos conteúdos ligados as PCA's foram feitas algumas perguntas. A partir de alguns resultados, foram encontrados(as) sete professores(as) que já haviam se formado entre 11 e 20 anos atrás, estes, representam 50% dos sujeitos que participaram da pesquisa. Dentre os(as) outros(as) professores(as), apenas um(a) deles(as) tinha se formado entre 1 e 5 anos, outros(as) dois tinham se formado entre 6 a 10 anos, outros(as) três se formaram entre 21 a 30 anos e apenas um(a) tinha se formado a mais de 30 anos atrás.

**Gráfico 3. Tempo de formação dos professores de Educação Física**

Há quantos anos você se formou em Educação Física?

14 respostas



Ao fazer o cruzamento das duas variáveis que foram colocadas acima (faixa etária e tempo de formação) foi possível estabelecer algumas relações. Os

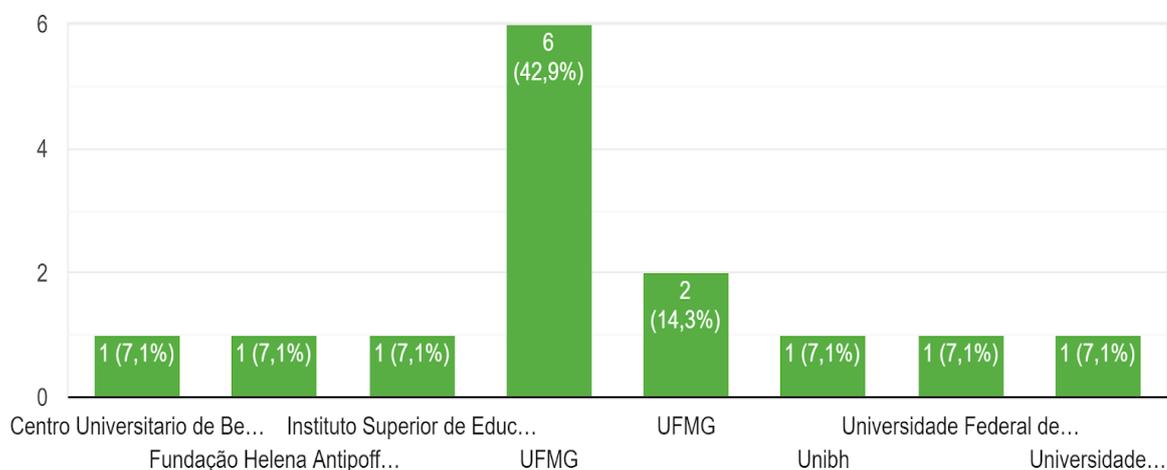
sujeitos da pesquisa que se formaram entre 11 e 20 anos atrás são os mesmos sujeitos que estão na faixa etária entre 21 a 30 anos. Os professores que estão nesta faixa etária foram os sujeitos que mais disseram inserir as PCA's como objeto de ensino nas suas aulas. Neste ponto é possível observar que há uma maior inserção dos conteúdos das Práticas Corporais de Aventura por sujeitos que têm entre 21 a 30 anos e formação entre 11 a 20 anos atrás. Tomando como base a lógica temporal já descrita neste trabalho, este conteúdo aparece com maior força nos debates sobre a Educação Física escolar no Brasil somente no século XXI. Com isso é possível inferir que professores formados mais recentemente podem ter tido mais oportunidades de experiências de formação destes conteúdos, dentro e fora da academia, o que pode vir a aumentar as possibilidades destes sujeitos a ter uma melhor formação e capacitação para trabalhar este tema na escola.

Algumas outras perguntas foram feitas através do questionário para tentar entender melhor sobre algumas questões das quais permeiam o acesso desses(as) professores(as) aos conhecimentos dos conteúdos das Práticas Corporais de Aventura durante a sua formação acadêmica.

Através de uma questão aberta, foi possível constatar que a maioria dos professores que participaram da pesquisa foram formados na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), representando 57% da amostra total.

**Gráfico 4. Local de formação dos sujeitos da pesquisa**

14 respostas



Outra pergunta que foi feita através do questionário para tentar compreender a inserção das PCA's nos currículos destes sujeitos nos mostram quantos deles tiveram acesso aos conteúdos das Práticas Corporais de Aventura.

Da totalidade dos(as) professores(as) participantes desta pesquisa, apenas seis responderam “sim” quando perguntados sobre o acesso à formação pedagógica relacionado ao tratamento dos conteúdos das PCA's durante o processo de formação acadêmica, representando apenas 42,9% da amostra total. Além disso, apenas um(a) professor(a) teve acesso à esses conhecimentos através de disciplina obrigatória, sendo que um(a) deles(as) teve acesso apenas através de um trabalho da disciplina de “Lazer”, outros(as) três tiveram acesso por disciplinas optativas e um(a) outro(a) professor(a) teve acesso ao tratamento destes conteúdos através de Capacitação da Prefeitura de Belo Horizonte/MG.

Ao analisar os dados acima (local de formação e quantidade de professores que tiveram acesso aos conhecimentos das PCA's durante o processo de formação acadêmica), encontramos informações que nos apontam que para os oito professores formados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cinco deles tiveram acesso aos conteúdos das Práticas Corporais de Aventura durante o seu processo de formação, representando 62,5% da amostra total. Cruzando estes dados com os dados obtidos através dos professores que inserem as PCA's nas aulas de Educação Física como objeto de ensino podemos observar que dos sete professores que trabalham este conteúdo, cinco são formados na UFMG. Através disso, podemos alegar que os professores de Educação Física formados na UFMG são os que mais inserem as PCA's em suas aulas como objeto de ensino.

Em contraste do que foi apresentado anteriormente, uma pergunta feita aos quatorze professores(as) apresentou que a maioria desta população teve algum contato com as Práticas Corporais de Aventura fora da sua formação acadêmica. Sendo que onze destes(as) professores(as) responderam que tiveram o contato com estas práticas fora do processo de formação acadêmica, representando 78,6% da amostra. Outros três professores responderam que “não” quando foram questionados sobre o contato com as PCA's fora do processo de formação acadêmica. Estes resultados nos mostram que a maioria dos sujeitos que participaram dessa pesquisa buscaram viver os conteúdos das Práticas Corporais de Aventura, mesmo que fora do seu período de formação acadêmica.

Os resultados obtidos a partir de outra pergunta que foi direcionada às pessoas que responderam “sim” sobre o contato com as PCA's fora do meio acadêmico confirma o que Bruhns (1997) pensava sobre essa temática, quando a apresenta como um forte potencial no âmbito do lazer. Pois, nove dos quatorze sujeitos da pesquisa selecionaram a opção “Atividade de Lazer” quando perguntados de qual forma aconteceu o contato fora do período de formação acadêmica. Neste ponto, é possível inferir que através destas experiências, mesmo que informais, os professores podem ser influenciados a pensar na escolarização desta temática.

Ainda sobre o processo de formação dos sujeitos da pesquisa, foi perguntado se os mesmos já passaram por algum tipo de formação continuada do qual os ajudasse a tratar os conteúdos das PCA's. O resultado obtido através desta pergunta nos mostra que a maioria (85,7%) destes(as) professores(as) não participaram de nenhum tipo de formação continuada, dos(as) 14 participantes, apenas dois sujeitos tiveram acesso a formação continuada que os habilitam a tratar das temáticas das PCA's. Como informação complementar, foi perguntado aos sujeitos que responderam “sim” à pergunta sobre formação continuada para entender melhor como se deu o tratamento desta formação. Um(a) participante respondeu que esta formação continuada se deu em um curso de curta duração que apresentou possibilidades de tratar o tema nas aulas de Educação Física no ensino fundamental e médio e o(a) outro(a) participante só participou de exposições teóricas para auxiliar na elaboração de Planejamento Anual.

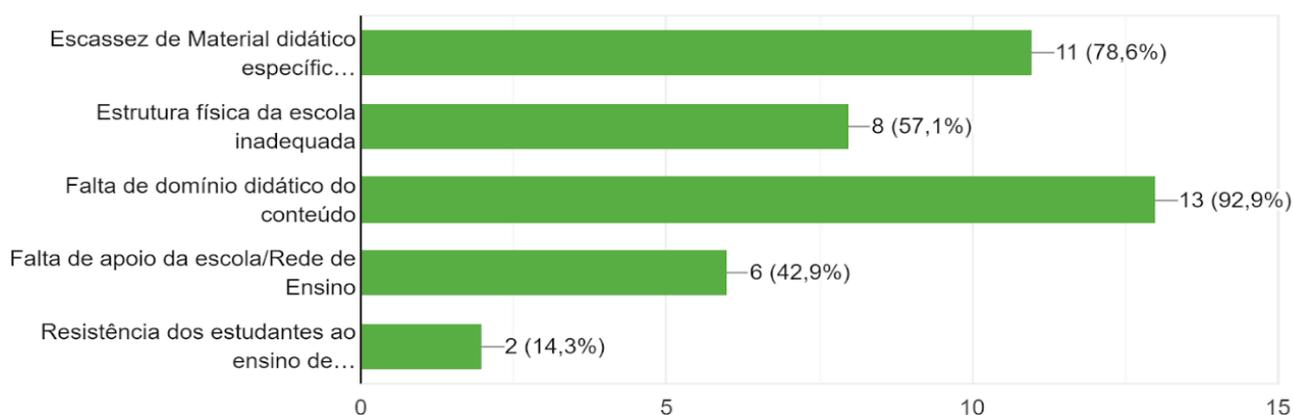
Através de outros resultados encontrados na pesquisa também identificamos algumas das outras razões que dificultam a inserção, ou a exclusão das PCA's nas aulas de Educação Física dos sujeitos pesquisados. Segundo os participantes que responderam o questionário, os motivos são: “Ausência de capacitação pedagógica e acadêmica”; “Porque ainda não há uma cultura consolidada para este tipo de atividade”; “Nunca consegui por falta de estratégias, recursos físicos e materiais e o pouco contato com a prática”; “Devido a dificuldade de organização material e material didático”; “Falta de material, espaço e tempo hábil”; “O espaço não é propício para realizar PCA's”; “As Proposições Curriculares da PBH não contemplam tal disciplina”, as dificuldades encontradas pelos sujeitos desta pesquisa confirmam as mesmas barreiras encontradas por Franco (2008). O

gráfico abaixo ilustra alguns fatores que os sujeitos pesquisados identificam como limitantes para o tratamento dos conteúdos das PCA's na Educação Física:

**Gráfico 5. Fatores limitantes ao ensino das PCA's**

Na sua opinião, quais os fatores limitantes ao ensino das PCAs na Educação Física Escolar?  
Selecione até 3 opções.

14 respostas



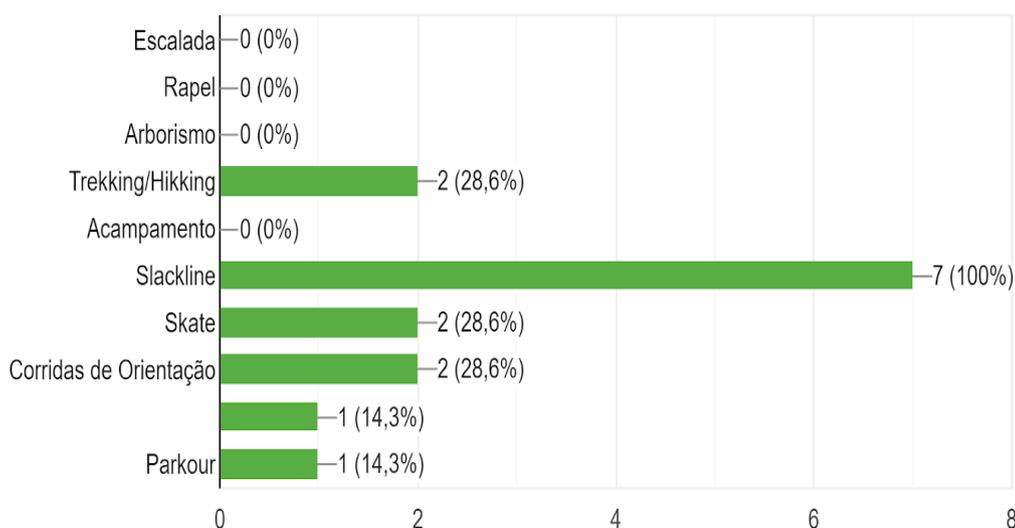
Estes dados apontam que a maior dificuldade que os professores encontram é a falta de domínio didático do conteúdo, representando (92,9%) dos sujeitos pesquisados. Seguido por escassez de material didático específico para o tratamento das PCA's (78,6%) e estrutura física da escola inadequada para a prática (57,1%). Além disso, seis dos participantes de pesquisa apontam não ter apoio da escola/rede de ensino para o ensino das Práticas Corporais de Aventura (42,9%). Somente dois professores(as) dos quatorze envolvidos na pesquisa, indicaram que a resistência dos alunos ao ensino deste conteúdo, representando 14,3% da amostra. Segundo o que diz Franco (2008) para incluir novos conteúdos na escola é preciso superar barreiras e, segundo este autor, quebrar a tradição das práticas esportivas seja a mais difícil delas. O que contradiz os resultados encontrados nesta pesquisa, dos quais nos apontam que a maior barreira para inserir as PCA's é a falta de domínio didático do conteúdo.

Por outro lado, observamos que alguns dos professores que participaram da pesquisa inserem as PCA's no seu currículo e as tratam como objeto de ensino nas suas aulas de Educação Física. Dessa forma, foi feita uma pergunta aos professores que responderam "sim" quando perguntados se trabalham os conteúdos

das PCA's em suas aulas com o intuito de tentar entender quais dos conteúdos envolvidos nesta temática são menos presentes e mais presentes nos currículos destes professores. O gráfico abaixo aponta quais são estes conteúdos:

**Gráfico 6. Conteúdos mais e menos utilizados para tratar das PCA's nas aulas de Educação Física**

7 respostas



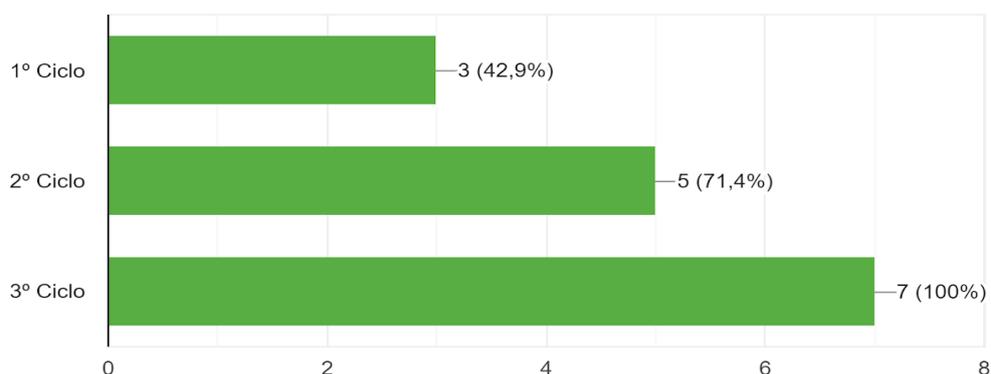
Os resultados obtidos através desta pergunta apontam que o *Slackline* é o conteúdo das Práticas Corporais de Aventura mais presente nas aulas dos sujeitos da pesquisa. Por outro lado, a Escalada, o Rapel, o Arborismo e o Acampamento se mostraram menos presentes nas aulas, nenhum dos sujeitos que responderam à essa pergunta selecionaram essas outras opções. Vale ressaltar que todos os professores que responderam à esta pergunta poderiam selecionar até três opções dentre oito que estavam dispostas nessa respectiva pergunta. Todos os participantes selecionaram o *Slackline* como um conteúdo que foi/é trabalhado nas suas aulas de Educação Física nas escolas Municipais da Regional Norte de Belo Horizonte/MG. Talvez a sobreposição do uso *Slackline* em comparação com os outros conteúdos relacionados seja pela “facilidade da atividade ser desenvolvida em diversos locais, como quadras esportivas, parques, praças e praias” GONZÁLEZ (2014).

Aos os sujeitos que responderam que “sim” para o tratamento dos conteúdos das PCA's nas suas aulas, posteriormente, foram questionados sobre

para as turmas de qual(is) ciclo eram direcionados os conteúdos das PCA's, foi possível observar que estes conteúdos são majoritariamente inseridos nas turmas do 3º ciclo do Ensino Fundamental, essa relação talvez seja em função da estrutura administrativa e institucional da prefeitura, que garante a atuação do professor formado em Educação Física no 3º ciclo do Ensino Fundamental das Escolas Municipais. Destarte, cinco dos quatorze professores também disseram inserir os conteúdos das PCA's para os alunos do 2º ciclo e mais três professores disseram inserir esta temática no 1º ciclo, como podemos observar no gráfico abaixo:

**Gráfico 7. Ciclos escolares que os professores inserem as PCA's**

7 respostas



Vale ressaltar que os sujeitos que responderam esta pergunta poderiam selecionar as 3 opções.

Por fim, a última pergunta no questionário se referia ao possível desenvolvimento de projetos interdisciplinares que tratassem dos conteúdos relacionados às PCA's juntamente com a disciplina de Educação Física. Os dados obtidos na pesquisa mostraram que onze dos quatorze sujeitos participantes da pesquisa não tratam este conteúdo junto às outras disciplinas da escola, representando 78,57% da amostra total. Somente três sujeitos responderam "sim" quando perguntados se já desenvolveram projetos de ensino interdisciplinares que envolveram a temática das Práticas Corporais de Aventura, simbolizando apenas 21,43% do total da amostra pesquisada. Estes três sujeitos relataram ainda, que

envolvem as disciplinas de Geografia, Ciências, História e Inglês juntamente a disciplina de Educação Física para o tratamento dos conteúdos das PCA's.

Estes dados demonstram que a maioria (78,57%) dos professores de Educação Física participantes desta pesquisa não correspondem às expectativas dos autores (MARINHO 2004; PAIVA 2008; FRANÇA 2016) do referencial teórico utilizado para realizar esta pesquisa. Em grande parte dos estudos utilizados como referência, os autores defendem a realização das PCA's nas escolas através do caráter interdisciplinar, estimulando principalmente os saberes sobre a educação ambiental. Ainda segundo estes autores, o trabalho interdisciplinar desta temática pode trazer conexões interpretativas que auxilia os alunos a compreender melhor esta temática, potencializando ainda mais o caráter educativo das Práticas Corporais de Aventura.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com esta pesquisa, concluímos que todos os professores de Educação Física das escolas Municipais da Regional Norte de Belo Horizonte/MG que participaram do estudo consideram as Práticas Corporais de Aventura como um tema importante a ser introduzido nas aulas de Educação Física, independente da sua idade, sexo e tempo de formação.

Por outro lado, apenas metade dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa relataram tratar desta temática em suas aulas. De forma geral, os fatores que tiveram mais destaque como dificultadores à inserção dessas práticas como objeto de ensino nas aulas de Educação Física dos sujeitos que participaram foram a falta de domínio didático do conteúdo, escassez de material didático específico para o tratamento das PCA's, estrutura física da escola inadequada para a prática e apoio da escola/rede de ensino para o ensino das PCA's.

Com este estudo também concluímos que os professores mais novos, em relação a faixa etária e tempo de formação, tiveram mais acesso aos conhecimentos referentes às Práticas Corporais de Aventura durante seu processo de formação acadêmica do que os professores mais velhos. Com isto, é possível inferir que os professores mais velhos não tiveram a oportunidade de se relacionar com esses conhecimentos durante seu período de formação um motivo encontrado para explicar este atraso é o fato desta temática ser investigada no Brasil aos interesses da Educação Física Escolas somente após o século XXI, o que acaba ajudando a prejudicar o contato destes sujeitos com os conhecimentos relacionados à esta temática. Também foi possível observar que mesmo os professores que não tiveram acesso ao tratamento dos conteúdos das PCA's no seu processo de formação acadêmica buscaram vivenciar essas práticas, majoritariamente, por meio de atividades de lazer.

Por outro lado, a maioria dos professores que tiveram acesso aos conteúdos das PCA's durante seu processo de formação acadêmica inserem esta temática em suas aulas de Educação Física e nos apresentaram que a ferramenta mais utilizada por eles(as) para o tratamento das PCA's foi o *Slackline*. Já os conteúdos que foram excluídos do tratamento das PCA's por parte desses professores foram a Escalada, Rapel, Arborismo e o Acampamento. Esta relação de inclusão/exclusão dos conteúdos relacionados às Práticas Corporais de Aventura

necessita de futuras pesquisas para investigar quais são os motivos que os professores encontram para utilização ou exclusão de outras ferramentas que podem vir a tratar da temática das Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física.

Contudo, com os dados referenciais utilizados para fundamentação teórica desta pesquisa, foi possível notar que há um consenso entre diversos autores que apontam para uma potencialidade educativa embutida no tratamento das Práticas Corporais de Aventura como objeto de ensino. Não obstante disso, as vivências dessas práticas nas aulas de Educação Física podem promover o sentimento de pertencimento dos alunos como parte integrante do meio-ambiente e por meio disto o aluno é capaz de adquirir diversas novas sensibilidades. Estes dados também revelaram que as PCA's são atividades diferentes das demais e pouco utilizadas nas aulas de Educação Física escolar, o que também foi possível observar a partir dos resultados obtidos nesta pesquisa.

Na pesquisa também identificamos alguns professores que disseram que a presença desse tema nas diferentes mídias, torna este conteúdo interessante aos estudantes e versátil para abordar outros temas da Educação Física. Porém, a influência da mídia pode favorecer a aprendizagem superficial e tendenciosa destes conteúdos, pois este veículo normalmente oferece as informações de forma prescritiva, incentivando as pessoas a consumir este produto sem nenhum tipo de reflexão.

Além disso, através desta rede de comunicação são raras as divulgações deste tema enquanto uma prática para todos, normalmente são mostrados em propagandas, revistas, filmes e documentários apenas atletas de alto nível de rendimento que são patrocinados por marcas, ricos em equipamentos e infraestrutura para a realização a prática, o que acaba fugindo da realidade de algumas pessoas que gostariam de se identificar com aquela prática e com isso, acaba distanciando ainda mais o entendimento e o desejo pelo tema. Para Marinho (2004), a mídia prioriza a apresentação das Práticas Corporais de Aventura prioritariamente voltadas a um caráter competitivo.

Contudo, a presente pesquisa pode contribuir para as discussões referentes aos estudos de análise de currículos da Educação Física Escolar. Mais especificamente no que tange a temática das PCA's, colocando em evidência os fatores que mais dificultam e mais ajudam os professores das escolas Municipais da

Regional Norte de Belo Horizonte/MG a inserir as Práticas Corporais de Aventura como objeto de ensino nas aulas de Educação Física. Tal importância se dá para entender como essas práticas se inserem ou não num contexto escolar, levando em consideração o potencial educativo encontrado no tratamento destas práticas. Além disso esta pesquisa pode ajudar facilitar o entendimento de professores que sejam interessados ou desejam se aprofundar sobre o tratamento desta temática para que assim possam inseri-la em seus currículos, possibilitando diversas reflexões sobre as várias formas de investir na escolarização das Práticas Corporais de Aventura.

Esta monografia teve algumas limitações e, a principal delas, foi o fato de não conseguir entrar em contato com todos os professores de Educação Física da regional escolhida por falta de tempo hábil para realizar a pesquisa. A partir de tais limitações, abre-se perspectiva para novas investigações acerca da inserção das Práticas Corporais de Aventura nos currículos dos professores de Educação Física, inclusive, nas outras oito regionais de Belo Horizonte/MG.

## REFERÊNCIAS

BETRÁN, J. de O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. *In*: BRUHNS, Heloisa Turine. **Turismo, Lazer e Natureza**. Barueri: Manole, 2003. p. 157-202.

BETRÁN, J. O. BETRÁN, A.O. **La crisis de la modernidad y el advenimiento de la posmodernidad: el deporte y las prácticas físicas alternativas en el tiempo de ocio activo**. APUNTS. v.41 (3). Barcelona, Espanha. 1995. p.10-29  
BNCC. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. 459 p.

BRANDÃO, L. **Esportes de ação: notas para um estudo acadêmico**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 32, n. 1, p. 59-73, setembro 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de**  
BRUHNS, Heloísa Turini. **Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 18, n. 2, p. 86-91, 1997.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. São Paulo, v.18, n.2, p.86-91, 1997.

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da Educação Física na escola. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 64-78, 2005.

De Melo, Ricardo (2009). **Desportos de Natureza: reflexão sobre a sua definição conceptual**. Revista Exedra nº 2, p. 93-104.

**Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997. 96 p.**

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANÇA, Dilvano Leder de. **Práticas corporais de aventura nas aulas de educação física: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do ensino fundamental. 2016.**

FRANCO, Laércio Claro Pereira. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo. 2008. 136 f. 2008.** Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)-Curso de Educação Física, Departamento de Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

GERAIS, MINAS. **Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental**. Belo Horizonte, 2014.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Lutas, Capoeira e Práticas corporais de aventura: práticas corporais e a organização do conhecimento**. In: \_\_\_\_\_. Práticas Corporais de Aventura. Maringá: Eduem, 2014. p. 101 – 135.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus et al. **Bastidores das práticas de aventura na natureza**. In: \_\_\_\_\_. Práticas corporais: experiências em Educação Física para outra formação humana. Florianópolis: Naemblu Ciência e Arte, v. 3, p. 69-88, 2005.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus et al. **Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios-reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular**. In: \_\_\_\_\_. Motrivivência (Florianópolis), v. 28, n. 48, p. 168-187, 2016.

INÁCIO, Humberto Luis de Deus. **Práticas Corporais de Aventura na Natureza**. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 531-535.

MARINHO, A. **Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades**. Motrivivência – Revista de Educação Física, Esporte e Lazer, Florianópolis, ano XVI, n. 22, p. 47-69, jun. 2004.

MARINHO, Alcyane. **Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidades de resistências**. In: BRUHNS, Heloisa Turine. **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003. 202 p.

PAIVA, Andréa Carla de; FRANÇA, Tereza Luiza de. **Trilhas interpretativas: reconhecendo os elos com a educação física**. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas**, v. 28, n. 3, p.109-124, 2007.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. **Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características**. **Corpoconsciência**, v. 12, n. 1, p. 18-34, 2010.

RODRIGUES, Luiz Henrique; DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física escolar e meio ambiente: reflexões e aplicações pedagógicas**. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 100, p. 12, 2006.

RODRIGUES, Luiz Henrique; DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física escolar e meio ambiente: reflexões e aplicações pedagógicas**. Lecturas: Educación física y deportes, n. 100, p. 12, 2006.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. **Práticas Corporais de Aventura na escola**. Campinas,SP. n.2, p. 121. 2016.

UVINHA, Ricardo Ricci. Esportes radicais nas aulas de educação física do ensino fundamental. In: \_\_\_\_\_. **Educação física escolar: desafios e propostas 1**. São Paulo: Fontoura, 2009. 256p.

UVINHA, Ricardo. Ricci. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Barueri: Manole, 2001. 103 p.

## APÊNDICES

### Práticas Corporais de Aventura nas Escolas Municipais da Regional Norte.

Este questionário é direcionado aos professores(a) de Educação Física das Escolas Municipais da Regional Norte de Belo Horizonte/MG. O objetivo deste questionário é compreender a formas de inserção e exclusão das Práticas Corporais de Aventura (PCAs) nos currículos da Educação Física Escolar. O questionário é confidencial, ou seja, será garantido o completo anonimato dos sujeitos da pesquisa. Os dados gerados pela aplicação deste questionário serão utilizadas, única e exclusivamente, à produção do relatório final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Educação Física da UFMG.

#### \*Obrigatório

##### 1. Sexo: \*

Marcar apenas uma oval.

- Feminino  
 Masculino

##### 2. Idade: \*

Marcar apenas uma oval.

- 20 a 30  
 31 a 40  
 41 a 50  
 51 ou mais

##### 3. Qual Universidade você se formou? \*

---

##### 4. Há quantos anos você se formou em Educação Física? \*

Marcar apenas uma oval.

- 1 a 5 anos  
 6 a 10 anos  
 11 a 20 anos  
 21 a 30 anos  
 31 anos ou mais

##### 5. No seu processo de formação acadêmica inicial (graduação em EF) você teve alguma oportunidade de formação pedagógica que envolveu o ensino das Práticas Corporais de Aventura? \*

Marcar apenas uma oval.

- Sim  
 Não

6. **Se você respondeu "sim" na pergunta anterior, como foram tratados esses conhecimentos? Selecione até 3 opções.**

*Marque todas que se aplicam.*

- Disciplinas Obrigatórias
- Disciplinas Optativas
- Projeto de Extensão
- PIBID
- Iniciação Científica
- Outro: \_\_\_\_\_

7. **Você teve contato com as Práticas Corporais de Aventura fora da sua formação acadêmica? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

8. **Se você respondeu sim a pergunta anterior, de qual forma esse contato aconteceu? Selecione até 3 opções.**

*Marque todas que se aplicam.*

- Atividade de Lazer
- Como atleta
- Atividade de Trabalho
- Outro: \_\_\_\_\_

9. **Você já participou de algum tipo de formação continuada (após o fim da graduação em EF) que o(a) habilitasse no tratamento da temática das PCAs? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

10. **Se você respondeu SIM na pergunta anterior, descreva como se deu esta formação continuada:**

---

---

---

---

---

11. **Você considera as Práticas Corporais de Aventura uma temática importante a ser introduzida nas aulas de Educação Física? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

12. **Justifique a sua resposta da pergunta anterior: \***

---

---

---

---

---

13. **Nas suas aulas de Educação Física, nesta escola da rede municipal de educação, as Práticas Corporais de Aventura são tratadas como objeto de ensino? \* \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

14. **Caso seja negativa sua resposta, justifique:**

---

---

---

---

---

15. **Caso você tenha respondido sim a pergunta anterior, selecione quais conteúdos relacionados às Práticas Corporais de Aventura você já trabalhou/trabalha nas suas aulas de Educação Física. Selecione até 3 opções.**

*Marque todas que se aplicam.*

- Escalada
- Rapel
- Arborismo
- Trekking/Hikking
- Acampamento
- Slackline
- Skate
- Corridas de Orientação
- Outro: \_\_\_\_\_

16. **Em qual(is) ciclo(s) de escolarização as atividades ligadas às Práticas Corporais de Aventura foram/são trabalhadas? Selecione até 3 opções.**

*Marque todas que se aplicam.*

- 1º Ciclo
- 2º Ciclo
- 3º Ciclo

17. Na sua opinião, quais os fatores limitantes ao ensino das PCAs na Educação Física Escolar? **Selecione até 3 opções. \***

*Marque todas que se aplicam.*

- Escassez de Material didático específico (Equipamentos)
- Estrutura física da escola inadequada
- Falta de domínio didático do conteúdo
- Falta de apoio da escola/Rede de Ensino
- Resistência dos estudantes ao ensino deste conteúdo

18. **Você já desenvolveu projetos de ensino interdisciplinares que envolveram a temática das Práticas Corporais de Aventura? \***

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

19. **Se você respondeu sim a questão anterior, com professores de quais disciplinas da escola aconteceu o projeto interdisciplinar?**

---

---

---

---

---